

O ANONIMATO DO VISCONDE DO RIO GRANDE

FELIPE YANN CAVALCANTI GONÇALVES¹



Resumo

A obra da Ciência Brasileira oitocentista, *O Fim da Creação ou a Natureza Interpretada pelo senso commum* (1875) não é atribuída à autor algum em sua edição original. Entretanto, nomes renomados como Silvio Romero e Augusto Blake apontam com convicção que o autor dessa obra seria o Visconde do Rio Grande, José de Araújo Ribeiro. O intuito deste artigo é elaborar hipóteses e, possivelmente, lançar de luz sobre o suposto anonimato do senador Araújo Ribeiro, a recepção da obra e do Darwinismo no Brasil.

Palavras-chave: José de Araújo Ribeiro: O Fim da Creação ou a Natureza Interpretada pelo senso comum. Evolucionismo no Brasil. História da Ciência no Brasil.

Abstract

A work of brazilian ninth century Science, *O Fim da Creação ou a Natureza Interpretada pelo senso commum* (1875) is not assign to any author in its original edition. However, famous names like Silvio Romero and Augusto Blake appoint with conviction that the author of this work would be José de Araújo Ribeiro, Viscount of Rio Grande. This article seeks to elaborate hypothesis and possibly shed light into the alleged anonymity proceeding from senator Araújo Ribeiro, along with the acceptance of the work and Darwinism in Brazil.

Keywords: José de Araújo Ribeiro: O Fim da Creação ou a Natureza Interpretada pelo senso comum. Evolutionism in Brazil. History of Science in Brazil.

Introdução

O Fim da Creação ou a Natureza Interpretada pelo senso commum é uma obra publicada em 1875 no Rio de Janeiro. O nome do autor não consta na publicação, o que permite o levantamento de diversas questões, já que para uma obra de tamanha pretensão, como é o caso desta, fato que pode ser constatado já em seu título, seria necessário um autor versado nos diversos campos da Ciência oitocentista. Sendo assim, esse autor, além de atuar como um receptor e divulgador de ideias sobre Geologia, Biologia, Física e Química, almeja contribuir para o debate levantando questões e teorias ao apresentar uma tese própria. Essa tese principal da obra afirma que a Terra e até mesmo o Sol estariam em constante evolução, alimentando-se através da atmosfera e aumentando de volume. Segundo essa concepção a matéria inorgânica estaria submetida ao mesmo processo que ocorre com a orgânica, ou seja, nascer, expandir e decair. Nesse contexto o estudioso mais citado pelo autor é Sir Charles Lyell, geólogo britânico que desenvolveu a teoria do

¹ Graduando em História pela Universidade de São Paulo. E-mail: felipe.yann.goncalves@gmail.com.



uniformitarismo, a qual questiona que a Terra tenha sido transformada por diversas catástrofes, defendendo a ação de mudanças lentas e imperceptíveis, como a erosão. A teoria de Lyell foi tão impactante em sua época que até mesmo Sir Charles Darwin postulou o evolucionismo como uma espécie de “uniformitarismo biológico”. Portanto, diante da pretensão que a tese sobre a evolução da Terra possui, é necessário que o autor seja alguém conhecedor da Ciência de seu tempo, pois é uma teoria adotada isoladamente, sem nenhum outro aparente interlocutor. Mas será que José de Araújo Ribeiro, o Visconde do Rio Grande, se encaixa em tal perfil? Qual seria o motivo de publicar tal trabalho como anônimo? Este artigo não pretende trazer respostas conclusivas, mas lançar luz sobre uma questão que parece não ter despertado o interesse dos historiadores, já que não foi encontrado nenhum debate acerca desta questão.

De início, iremos abordar o suposto autor da obra, José de Araújo Ribeiro, para então prosseguir com o boato que atribui a autoria da obra ao Visconde. Em seguida, serão levantadas algumas hipóteses a partir do contexto da época e da recepção da obra.

O suposto autor

De acordo com Augusto Blake (1916), José de Araújo Ribeiro foi o primeiro Barão e depois Visconde do Rio Grande, senador da província de seu nascimento, comendador da Ordem de Cristo, oficial da legião de honra da França e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Formado em Direito Civil na Universidade de Coimbra, foi nomeado em 1826 como secretário da legação brasileira em Nápoles, sendo que posteriormente, em 1828, passou a servir na França. Também foi encarregado de negócios nos Estados Unidos da América e enviado extraordinário na Grã-Bretanha. Retornou ao Rio Grande na época da Revolução Farroupilha, no período de 1836 a 1837. Ingressou no IHGB em 1º de dezembro de 1838, como sócio correspondente. Desempenhou outras missões especiais na França e Inglaterra. Também foi deputado de sua província. Ainda de acordo com Blake, publicou *O Fim da Creação ou a Natureza Interpretada pelo senso commum*, um “livro philosophico, profundamente meditado, e publicado sob o anonymo” (BLAKE, 1916, p. 316)

Além da opinião de Augusto Blake sobre a obra, temos a crítica feita por João Cruz Costa, nas notas suplementares de sua obra *Contribuição à História das Ideias no Brasil* editada em 1956, que afirma:



“De pouco valor para a filosofia do Brasil, embora o seu autor tenha se ocupado de fatos brasileiros, de geologia sobretudo, é o livro que apareceu anônimo em 1875, mas cujo autor é José de Araújo Ribeiro, que foi diplomata e político, escreveu um curioso livro de geologia e, em parte, de filosofia que é o O Fim da Criação ou a Natureza Interpretada pelo senso commum” (CRUZ COSTA, 1956, p.553)

Assim, 80 anos após a publicação da obra por um anônimo, a autoria não é questionada, já que por conta do boato levantado por Silvio Romero, a autoria é atribuída ao senador José de Araújo de Ribeiro. Porém, como o Visconde poderia ter escrito uma obra de natureza científica? E por que publicar como anônimo?

Assim, como é possível notar, Araújo Ribeiro possui um vasto currículo voltado para a política e o comércio, porém não há muito que possa indicar suas ligações com ideais evolucionistas ou estudos sobre geologia e filosofia. Blake (1916) reforça isso, visto que afirma que suas outras publicações eram referentes à política, ao comércio e economia. O trecho da obra de Cruz Costa contribui para este questionamento, já que situa Ribeiro como um diplomata e político. Nesse sentido, à escassez de registros permite apenas fazer inferências e deduções sobre como Ribeiro poderia ter escrito essa obra, em quais condições e por qual motivo ela foi publicada sem um autor. Reichardt levanta essa questão e afirma “admira-se como esse homem, além das muitas ocupações políticas e preocupações políticas e diplomáticas tinha vagares para reunir tão vasto cabedal e científico” (REICHARDT, 1961, p. 255) e que “A efervescência de ideias no século XIX, que explica da filosofia de O Fim da Criação.” (REICHARDT, 1961, p. 258)

O boato

Silvio Romero, em sua obra *A filosofia no Brasil* afirma

O anonymo, porém, dizem sêr o Snr. José de Araújo Ribeiro, Visconde do Rio Grande, nosso antigo ministro junto ao governo francez. Este boato parece bem fundamentado, pois acompanhava cada um dos volumes expostos á venda uma tira de papel manuscripto com a firma do digno Visconde. Este, ao que tenho podido saber de sua biographia, é um legista, um homem formado em direito, como se diz vulgarmente, e um membro mudo do senado brasileiro. Não é sem propósito que lembro estas duas qualidades do illustre titular. (ROMERO, 1878, p. 95)

A autoria da obra, portanto, estaria baseada em um boato que surge a partir de uma tira papel manuscrita com a assinatura do Visconde do Rio Grande, José de Araújo Ribeiro, que acompanha os volumes expostos para venda. A partir disso, é possível pensar em algumas questões. Por qual motivo a autoria não constava diretamente na obra e estava em um pedaço de papel com assinatura do Visconde? Afinal, seria mais prático colocar



diretamente na obra. Também é possível pensar o quão um boato é confiável, mesmo que bem fundamentado, já que isto surge de algo que não é de plena certeza. Até mesmo é possível questionar o que Romero quis dizer com boato, já que ele parece acreditar, sem muita dúvida, que o autor da obra seja Araújo Ribeiro. Outro ponto importante é que, aparentemente, Araújo Ribeiro nunca havia exposto suas ideias anteriormente, como afirma Silvio Romero

O que é certo é que o nobre visconde ia passando despercebido, e talvez, porque não dizel-o? —passando por medíocre, porque nunca fallou!.. —O caso e grave n'este paiz. Ser "deputado ou senador e não orar é demonstrativo signal de fraqueza ou de ignorância. Todo o parlamentar de bons quilates tem sempre o que dizer" (ROMERO, 1878, p. 98)

Assim, o suposto autor nunca havia exposto suas ideias anteriormente, então qual seria sua intenção em expô-las agora? Principalmente através de uma obra publicada anonimamente e atribuída ao seu nome através de uma tira de papel. Isso é uma questão que o próprio Silvio Romero pode nos ajudar a compreender.

Na própria obra de Silvio Romero é perceptível um dos possíveis motivos do suposto anonimato, já que

Quem suporia, por exemplo, que no senado brasileiro, classe que não brilha muito pela sua illustração, tínhamos um sectário intelligente e adiantado das idéias de Darwin, nome que muitos alli não pronunciam sem primeiro se benzerem? (ROMERO, 1878, p. 99)

Desse modo, Araújo Ribeiro diferia de seus pares, visto que não apenas conhecia o pensamento de Darwin, mas também de outros naturalistas da época, como Lyell e Meunier. Assim, alguém que havia apenas publicado tratados de comércio, política e economia, possivelmente entrou em contato com o pensamento científico de sua época a ponto de almejar ser um divulgador das teorias evolucionistas e, em sua maneira, elaborar uma teoria própria. Suponho que isso seja possível por meio do contexto em que a obra foi produzida, já ela foi publicada em 1875 e nela há uma citação direta de *A Origem das Espécies*, obra de 1859. Sendo assim, é plausível que a obra tenha sido escrita entre a década de 60 e 70 do século XIX, em um contexto que será examinado em seguida. Ao intentar reconstruir como as ideias evolucionistas, principalmente o darwinismo, foram recepcionadas no Brasil, possível elaborar outras hipóteses sobre a controvérsia da autoria de *O Fim da Creação ou a Natureza Interpretada pelo senso commum*, visto que o autor, quem que seja, foi diretamente influenciado pela conjuntura em que estava inserido.



O contexto

Suponho que para compreender como ocorria essa divulgação e circulação de ideias evolucionistas seja necessário lançar luz sobre o contexto da recepção desses pensamentos no Brasil durante a segunda metade do século XIX. Deste modo, é necessário que saber que

A recepção da teoria de Darwin no Brasil, nas décadas seguintes à publicação de *A Origem das Espécies* (1859), foi controversa tanto no meio científico quanto no meio intelectual.

Isso ocorre principalmente, pois

Diversas áreas do conhecimento interpretaram e ressignificaram as teorias de Darwin. Argumentos tidos como fundamentais da teoria darwinista passaram a fazer parte das análises em diferentes perspectivas. Seu impacto foi grande, sua recepção gerou adesões e repulsas, marcadas por grande polêmica tanto no espaço científico quanto fora dele, e a apropriação e a ressignificação dos princípios darwinianos muitas vezes se deram no intuito de justificar questões de cunho social. (CARULA, 2014, p.55)

Dessa forma, o Brasil não somente foi um dos lugares que forneceu evidências para a teoria da seleção natural, já que Darwin passou quatro meses no Brasil em 1832, como também foi um dos lugares em que os naturalistas logo ofereceram suporte ao darwinismo. Creio que o principal exemplo seja Fritz Müller, naturalista e imigrante alemão que habitava na província de Santa Catarina. Müller,

Em 1864, ficou conhecido no meio científico internacional pela publicação de um pequeno livro *Für Darwin*, no qual demonstrou, através de estudos embriológicos em crustáceos, a teoria de Darwin. (DOMINGUES E SÁ, 2003, 99)

Assim, de acordo com Carula (2014), a partir de Müller é que o darwinismo é introduzido no Brasil. Entretanto,

O texto de Müller repercutiu pouco no meio científico brasileiro, porém teve boa aceitação na Alemanha e na Inglaterra. Foi traduzido para o inglês por sugestão do próprio Darwin, que se tornou seu correspondente. (CARULA, 2014, p.53)

Dessa forma, é presumível que seja possível perceber que recepção obtida Brasil pela obra *Fim da Creação ou a Natureza Interpretada pelo senso commum* é maior que o da obra *Für Darwin*. A primeira circulou e foi recebida por de um dos principais intelectuais brasileiros do período, Silvio Romero, o que parece ser o contrário do que ocorreu com Müller, que teve sua obra bem recebida na Alemanha e na Inglaterra. Concebe-se que o eixo para entender essa diferença esteja na questão da autoria, já que



uma obra foi publicada anonimamente, mas atribuída a um dos grandes nomes do Império Brasileiro, enquanto que segunda foi escrita por um alemão radicado no Brasil, que “demonstrava o pensamento darwinista por meio de estudos embriológicos em crustáceos.” (CARULA, 2014, p.53)

Ao comparar a recepção das duas obras, é possível pensar em duas questões, uma delas diz respeito à recepção e a outra a autoria de *Fim da Creação ou a Natureza Interpretada pelo senso commum*. Elas estão diretamente ligadas, haja vista que, como dito anteriormente, o boato de que uma obra foi escrita por um Visconde, um dos grandes nomes do Império, fez com que ela fosse, de certa forma, recepcionada, enquanto que um naturalista alemão não obteve o mesmo sucesso no país em que residia, apesar de ser correspondente de Darwin.

A recepção

Dentro desse contexto de recepção do Darwinismo também há outro importante ponto abordado por Gualtieri, o qual afirma que três aspectos da evolução darwiniana eram compreendidos de maneira diferente: “A ideia de seleção natural, a incorporação do ser humano no reino animal e a exclusão de um Criador agindo diretamente no processo de transformação orgânica.” (GUALTIERI, 2008, p. 20-21) Assim, não ser adepto de alguma dessas ideias não significava ser antidarwinista, já que havia uma mescla entre os pensamentos evolucionistas e naturalistas no período. Segundo Schall, um exemplo desse fenômeno seria o intelectual Huxley: “conhecido por ser um ferrenho defensor do darwinismo, chegando a ganhar o apelido de bulldog de Darwin, não era adepto da seleção natural.” (SCHALL, 2014, p.7) Acredito que outro exemplo desse nível seja a obra *O Fim da Creação*, que mescla o evolucionismo de Darwin, principalmente a exclusão de um Criador agindo na transformação orgânica, com o Uniformitarismo de Lyell, que enxerga os acontecimentos geológicos como resultados de um processo gradual e lento.

Do mesmo modo,

“diversas áreas do conhecimento interpretaram e ressignificaram as teorias de Darwin. Argumentos tidos como fundamentais da teoria darwinista passaram a fazer parte das análises em diferentes perspectivas.” (CARULA, 2014, p.55)

Dessa maneira,



para o pesquisador Álvaro Girón Sierra, não é adequado estabelecer uma distinção rígida entre o darwinismo, enquanto ciência, e o darwinismo social, como uma ideologia. O autor frisa que, nos anos de 1870 e 1880, não havia distinção entre o darwinismo (teoria científica) e sua aplicação no âmbito social e político, o darwinismo social (2005: 40), considerando esta expressão “infeliz”. Para ele, o darwinismo foi social desde o início, haja vista a pluralidade de leituras feitas da teoria do naturalista inglês.” (CARULA, 2014, p.55)

Portanto, suponho que o autor de *O Fim da Creação* esteja inserido diretamente nessa pluralidade de leituras que foram feitas de Darwin, engendrando sua própria teoria ao mesclar o Darwinismo, o Uniformitarismo e concepções próprias sobre Geologia e História Natural, dentre outras teorias.

Assim, principalmente por causa da hipótese deste autor ser José de Araújo Ribeiro, considera-se que uma das possibilidades para que o autor de *Fim da Creação* tenha publicado seu trabalho dessa forma seja justamente a recepção, já que as tendências da obra são naturalistas e darwinistas, negando o papel do Criador, o que de acordo com Costa Cruz (1956) “a um Visconde não parecia bem confessá-las de público, durante o Império (e talvez mesmo depois) e, por isso nunca êle escandalizou as pouquíssimas pessoas que o leram.” Dessa forma, apesar de o evolucionismo encontrar entusiastas no Brasil durante o último quarto do século XIX, as motivações políticas e sociais parecem ser uma boa hipótese para a questão principal deste artigo. Isso reforça o argumento de Carula sobre como a recepção de Darwin foi controversa, já que aparentemente Ribeiro teve de lançar-se ao anonimato por conta de sua atuação política e social no Império. Entretanto, se o boato que consta no trabalho de Silvio Romero for verdadeiro, qual seria o intuito de expor uma obra sem seu nome, mas com uma tira de papel com sua assinatura?

Uma outra teoria, que também envolve a recepção, acredita que o autor poderia temer ser tido como um louco, um excêntrico, por conta de suas ideias, que de certa forma extrapolam o pensamento de Darwin. Assim, o autor teria receio de ser desacreditado e rechaçado pelos intelectuais de sua época, tendo sua carreira manchada e até mesmo sua lucidez questionada. É uma hipótese que ganha força ao retomarmos o pensamento de Carula contido no parágrafo anterior, o qual afirma que a recepção de Darwin foi controversa. Creio, então, que alguém que estivesse indo além do pensamento evolucionista, em uma obra de tamanha pretensão, pudesse causar uma polêmica ainda maior.

Dentro disso, outro ponto importante é que



Evoluir, no Brasil do século XIX, significava, dentre outros aspectos, derrubar a monarquia, tornar livre o trabalho, privilegiar a livre concorrência, reexaminar a concepção de Estado. (GUALTIERI, 2003, p.48)

Esse trecho reforça como o pensamento do autor estudado neste artigo, principalmente o conceito de evolução, não estava de acordo com os intelectuais de sua época, o que reforça a hipótese de que o anonimato poderia ter relação direta com o receio da recepção que a obra poderia receber dos intelectuais do período.

Assim, outra hipótese relacionada com a recepção é a questão religiosa. A partir do pressuposto que Araújo Ribeiro seja o autor, deve-se ressaltar que o Império do Brasil era oficialmente católico, o que torna um tanto quanto controverso um senador envolver-se com ideias naturalistas, que negam em tese o criacionismo. Os argumentos expostos em sua obra são deste tipo. Afinal, a tese da obra é que

“a terra é dotada de vida própria e que se nutre como os indivíduos organizados, e que deve como estes indivíduos crescer de volume, colhendo nas regiões do espaço, por intermédio de sua atmosfera, a atmosfera necessária á sua nutrição e crescimento.” (RIBEIRO, 1875, p.4)

Deste modo, as ideias darwinistas nunca foram oficialmente condenadas pela Igreja Católica, nem a obra *A Origem Das Espécies* foi banida, porém as Igrejas cristãs foram por muito tempo avessas a Darwin, visto que a teoria da seleção natural estava em conflito direto com a aceção bíblica literal da criação. Entretanto, de acordo com Schall (2014), a recepção das teorias de Darwin no Brasil pareceram menos problemáticas que em outros países católicos. Isso ocorreu por três motivos: D. Pedro II, imperador do Brasil, não era totalmente contrário ao pensamento de Darwin; as elites católicas enxergaram no darwinismo um mecanismo para legitimar a supremacia branca e o escravismo; quem controlava os principais instituições científicas brasileiras (os museus e as faculdades) eram simpatizantes a Darwin. O próprio Imperador, segundo Schall, foi chamado “de católico limitado” (SCHALL, 2014, p. 11) por Joaquim Nabuco, já que estaria conciliando uma concepção cristã de mundo com os ideais evolucionistas de sua época. Pedro II, em uma carta a Quatrefages, afirma que "A doutrina da evolução é muito decepcionante, embora se apóie sobre muitos fatos" (D. PEDRO II, 1878). Assim sendo, acredito que o autor de *Fim da Creação* intenta romper com o pensamento cristão e reafirmar os ideais evolucionistas e naturalistas, o que estaria em oposição ao Imperador e a Igreja Católica, o que pode explicar a publicação da obra como um anônimo. Contudo, em outra carta a Quatrefages, de 1886, Pedro II afirma que “O estudo da geologia é um dos que mais me atraem e gosto muito de ver os fatos constatados por autoridades como



vós.” (D. PEDRO II, 1886) Pressuponho que o *Fim da Creação* seja, acima de tudo, um estudo de Geologia, haja vista que a tese da obra é um estudo sobre a Terra, suas rochas, montanhas e todo o processo de formação. Assim sendo, será possível supor que Pedro II, como um entusiasta tanto de Geologia como do pensamento evolucionista, leu o *Fim da Creação*? Creio que não existem evidências que corroboram esta afirmação, todavia, o autor da obra deve ter tido algum interlocutor, alguém com quem dividia suas ideias, suposições e pensamentos, pois mesmo Darwin, de acordo com Stephen Gould, tinha seus correspondentes, dentre eles Lyell e Alfred Russel Wallace. Portanto, acredito que não há Ciência sem debate, sem exposição de ideias e sem crítica, visto que sem isto, o pensamento científico não avança.

Ao considerar que Ribeiro seja o autor, há também o fato de que sendo um comendador da Ordem de Cristo, título honorífico, ele pode ter optado por não revelar ser o autor da obra justamente, como já dito anteriormente, por causa da recepção que a obra poderia ter. Esse temor é exposto na própria obra, visto que há a seguinte citação na obra:

“Entrarei agora nas averiguações que me parecem conducentes a mostrar que a terra tem um crescimento, e começarei por prevenir o leitor de que nas materias connexas com este objecto e de que me vou occupar, serei algumas vezes constringido a me pronunciar contra opiniões geralmente recebidas e adoptadas por sabios a quem muito considero, o que não só já me foi causa de muitos esmorecimentos, como me collocará na precisão de justificar-me, e de entrar para isso em discussões talvez mais longas do que comportaria a minha breve tarefa , e o desejo que tenho de não ser fastidioso.” (RIBEIRO, 1875, p. 8 e 9)

Ao supor que o autor seja Ribeiro, quem seriam os sábios que ele muito considera a ponto de se constranger ao pronunciar seus próprios pensamentos? Além disso, retomando ao ponto anterior, acredito que é possível que o Visconde tenha interlocutores, debatedores das ideias naturalistas, possivelmente fora do Brasil. Entende-se que essa seja uma hipótese válida, pois Silvio Romero afirma que Ribeiro nunca expôs suas ideias, sendo um cientista que passou quase despercebido em seu próprio país, apesar de ter tido sua obra recepcionada por Romero, ao contrário do que ocorreu com outro naturalista, Fritz Müller. Assim, essa hipótese de que Ribeiro possa ter se correspondido com intelectuais da Europa é válida, já que ele desempenhou a função de diplomata e realizou missões especiais na França e Inglaterra, países em que nomes importantes da Ciência do século XIX residiam. Entretanto, não há documentação para comprovar que Ribeiro teria se correspondido com algum intelectual estrangeiro, como também não há nenhum registro de debates ou conversas com pensadores brasileiros. Como no caso da autoria da



obra, só é possível fazer inferências e elaborar hipóteses de como um nobre e político brasileiro, conhecido por ser encarregado de negócios, poderia escrever uma obra científica deste nível. Novamente o contexto pode ser utilizado para preencher essa lacuna documental, pois de acordo com Reichardt “O Século XIX, época em viveu o autor, foi um período fecundo para o desenvolvimento dos conhecimentos, sobretudo do naturalismo científico.” (REICHARDT, 1961, p. 255) Reitero, contudo, que apesar de o contexto auxiliar na elaboração de hipóteses para responder as questões traçadas, não permite um preenchimento total deste vazio que surge devido a falta de documentação.

Conclusão

De acordo com os autores abordados neste artigo, a recepção das ideias evolucionistas e naturalistas no Brasil da década de 1870 foi controversa. Houve uma pluralidade de leituras que culminaram em diferentes obras, uma delas publicada anonimamente, *O Fim da Creação ou a Natureza Interpretada pelo senso commum*. Este artigo elaborou hipóteses sobre a autoria da obra sobretudo a partir do boato exposto por Silvio Romero de que o autor seria José de Araújo Ribeiro, senador do Império e Visconde do Rio Grande, porém também foram discutidas teorias contrárias a este rumor. Afinal, esse boato é a única evidência sobre a autoria da obra, mas que, aparentemente, foi suficiente para consolidar o nome de Ribeiro como autor da obra. O fato de a autoria não ser questionada, apesar de ser baseada em um rumor, permitiu que fossem elaboradas algumas hipóteses acerca disto neste artigo, mas que não esgotam as possibilidades de resposta para esta questão.

Assim, creio que as hipóteses aqui levantadas são de natureza variada, mas, apesar disso, não se anulam, pois, por exemplo, Ribeiro pode ter optado pelo anonimato devido tanto a sua carreira política como pelo fato de que sua teoria nega o criacionismo, pondo fim à criação. Caso o autor da obra não seja o Visconde e sim outro intelectual, a situação é parecida, já que, de acordo com os autores aqui citados, o contexto de circulação de ideias evolucionistas foi propício e fecundo para o desenvolvimento do naturalismo científico, o autor não quer se justificar com seus pares e o debate de suas ideias lhe causou um profundo desânimo. Portanto, a questão da autoria necessita ser pensada, debatida e discutida, já que representa um capítulo da História Intelectual do Brasil.

Data de Submissão: 31/05/2020

Data de Aceite: 15/08/2020

Referências Bibliográficas

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliographico brasileiro**. Typographia Nacional, Rio de Janeiro, 1893.

Carta de Pedro II a Quatrefages: 14 de dezembro de 1878 (Arquivo de l'Academie des Sciences de Paris)

Carta de Pedro II a Quatrefages: 06 de fevereiro de 1886 (Arquivo de l'Academie des Sciences de Paris).

CARULA, Karoline. “Apontamentos acerca da recepção do darwinismo no Brasil e no México”]. **Intellèctus**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 50-78, dez. 2014.

COSTA, João Cruz. **Contribuição à história das idéias no Brasil; o desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórico nacional**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956

DOMINGUES, M. B. & SÁ, M. R. 2003. “Controvérsias Evolucionistas no Brasil do Século XIX”. In: DOMINGUES, M. B., SÁ, M. R., GLICK, T. F. (org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, pp. 97-123

GOULD, Stephen Jay, **O polegar do panda. Reflexões sobre História Natural** (S. Paulo: Martins Fontes, 2004)

GUALTIERI, R. C. E. 2008. **Evolucionismo no Brasil: ciência e educação nos museus 1870-1915**. São Paulo: Editora Livraria da Física

GUALTIERI, RCE. O evolucionismo na produção científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1915). In: DOMINGUES, HMB., SÁ, MR., and GLICK, T., orgs. **A recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 45-96. História e saúde collection.

RIBEIRO, José de Araújo. **O Fim da Creação ou a Natureza Interpretada pelo senso commum**. São Leopoldo: Typographia Esperança, 1875. 657 p.

REICHARDT, Herbert Canabarro. “José de Araújo Ribeiro, visconde do Rio Grande, e sua obra "O fim da criação"”. **R. IHGB**, Rio de Janeiro, v. 252, jul./set. 1961, p. 251-269.

ROMERO, Sílvio. **A filosofia no Brasil: ensaio crítico**. Porto Alegre: Tipografia de Deutsche Zeitung, 1878. 192 p.

SCHALL, Brunah. **Fronteiras entre ciência e religião: darwinismo e catolicismo no Brasil dos séculos XIX e XX**. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia,



Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

